



TESTEMUNHOS DE MIGRAÇÃO FORÇADA DE MULHERES NA COLÔMBIA

Catalina Revollo Pardo ¹
Maria Inacia D'Avila Neto ²

Os colombianos têm vivido a maior parte de sua vida republicana em situações de conflito: é um fato a muitas décadas, do qual participam vários atores como as Forças Armadas Colombianas, grupos guerrilheiros, grupos paramilitares, narcotraficantes e a população civil, que é a maior vítima de todos os horrores praticados por aqueles três grupos.

Nesse conflito luta as Forças Armadas Colombianas e paramilitares contra os grupos guerrilheiros, dentro do marco das atividades de produção e tráfico de drogas ilícitas. Esta situação é marcante pelos altos níveis dos abusos dos Direitos Humanos e a violação do Direito Internacional Humanitário, sendo a população civil a principal vítima. Milhares de civis morreram e foram vítimas de desaparecimentos forçados. Também o seqüestro, a tortura, o recrutamento de menores de idade e os abusos sexuais a mulheres e meninas são características dessa guerra. Em consequência essa situação tem gerado uma das maiores crises de migração forçada de pessoas: são 3 e 4 milhões de colombianos que se acredita tenham fugido de seus lares para escapar da violência. (AMNISTIA INTERNACIONAL, 2008)

O deslocamento forçado em Colômbia é considerado um fenômeno de migração forçada extremamente complexo, com múltiplas causas e múltiplas modalidades, segundo Forero (2003) a modalidade mais freqüente desde o começo do conflito surge como consequência do enfrentamento entre os atores armados (guerrilhas e paramilitares) ou entre estes e o exercito colombiano. Assim, estas pessoas são obrigadas a fugir por carecer das mínimas garantias para proteger sua vida e sua integridade física.

Com o tempo, o deslocamento foi virando uma importante estratégia de controle político-militar dos atores armados. No passado tinha uma característica temporária, mas na atualidade o deslocamento parece ser permanente, já que os atores armados procuram consolidar seu controle

¹Mestranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro da Cátedra UNESCO em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS. carevollo@yahoo.com

²Doutora em Psicologia Social - UNIVERSITE DE PARIS VII. Professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professeur UNESCO e consultora da Organização das Nações Unidas para educação e ciência e cultura, coordenadora da UNESCO CHAIR ON SUSTAINABLE DEVELOPMENT, sediada no Programa EICOS da UFRJ. inadavila@gmail.com



territorial com a finalidade de instalar o controlar os processos de produção dos cultivos ilegais e garantir o tráfico de armas, drogas e o ingresso ilegal de divisas. (FORERO, 2003)

Em relação ao informe apresentado por Forero (2003), há alguns anos atrás, vem surgindo novas modalidades de migração forçada em Colômbia, nas quais a população residente não necessariamente é deslocada, mas é obrigada pelo respectivo ator armado a se vincular nos processos de produção de drogas ilícitas, sem a possibilidade de sair da região para proteger sua vida, sua integridade e liberdade. Também o fenômeno das comunidades “sitiadas” ou “isoladas” por um ator armado, pretende deixar à população em situação de emergência humanitária, que pode estender-se por um grande período, sem ser possível quebrar o bloqueio de alimentos, remédios, combustível, etc., por parte do Estado ou por parte dos funcionários do terceiro setor encarregados da ajuda humanitária.

Outra modalidade de deslocamento são os deslocados intra-urbanos e interurbanos. É muito freqüente, que as famílias ou pessoas afetadas por esta modalidade sejam vítimas por segunda vez do deslocamento, demonstrando que nas áreas urbanas não estão completamente protegidos da guerra da qual fugiram. Outra dramática modalidade é o deslocamento planejado de localidades inteiras, obrigados pelos atores armados a trasladar maciçamente sob sua vigilância e a permanecer num lugar diferente ao de origem. (FORERO, 2003) Entretanto, essa modalidade é pouco freqüente já que para os atores do conflito não é conveniente evidenciar massivamente o drama do deslocamento; o que faz que a estratégia de deslocamento “gota a gota” (poucas pessoas juntas migrando forçadamente) seja a mais freqüente, e porem interessante ao não chamar a atenção da sociedade civil colombiana e internacional.

Colômbia tem a taxa mais alta de migração forçada no hemisfério ocidental e uma das mais elevadas do mundo, assim como a taxa mais alta de assassinatos do hemisfério ocidental. Isto faz que seja considerada como a região pior situação humanitária do mundo ocidental. (FMO, 2010)

Em Colômbia são 3`303.979 pessoas vitimas da migração forçada, desde 1997 hasta dezembro de 2009; segundo a Agencia Presidencial para a “*Acción Social y la Cooperación internacional - subdirección de atención a la población desplazada - Registro Único de Población Desplazada (RUPD)*”, perto de 1`623.236 são mulheres, o que equivale ao 49% desta população. Em 1999 as mulheres representaram o 46% da população deslocada. Para 2002 as cifras mostraram uma elevação do numero de pessoas registradas como deslocadas, neste ano se declararam deslocados em total 446.668, sendo que a meia por ano nos últimos 11 anos esta próxima aos 280.525 deslocados. Do total de deslocados no ano 2002; 215.853 foram mulheres é um 48% do



total de deslocados. Já para o ano 2005 as cifras mostram um interessante comportamento; o número de mulheres deslocadas tende a ser maior do que o número de homens, assim neste ano foram registrados um total de 253.010 deslocados, 128.618 foram mulheres, o 50.8%, esta tendência se mantém até 2009. Com mais detalhe entre 2005 e 2009 o total de pessoas deslocadas foi de 1`612.684, sendo 829.416 mulheres, o 51%. O que demonstra que na segunda metade da década passada as mulheres começaram a se deslocar mais que os homens.

Comparando com os homens, é maior o número de mulheres que migram forçadamente entre os 20 e os 59 anos. Os 20 e os 29 é a idade em que se deslocam mais pessoas, as mulheres deslocadas desta faixa representam o 53% frente aos homens da mesma idade. Já para os 30's o fluxo das pessoas em situação de deslocamento é menor, mas a população feminina representa uma porcentagem dos 55% do total de deslocados da mesma idade. Entre os 40 e os 49 anos as mulheres representam o 53%, o que mais ou menos vai se repetir entre os 50 e 59 anos, onde as mulheres são o 52% da população deslocada. Fazendo uma leitura qualitativa do anterior, pode-se sugerir que entre os 20 e os 59, os anos considerados como produtivos, nos quais se constrói a família e o patrimônio, as mulheres são confrontadas com um evento de migração forçada, na ausência de seu companheiro ou conjugue, ou com presença dele em situação deplorável (má saúde física e/ou psicológica), assim ficando como chefes de lar.

Complementando o anterior, 750.881 da população deslocada pela violência entre 1997 (aproximadamente) e 2009 são chefes de lar, sendo 362.384 mulheres. Para 1998, as mulheres chefes de lar eram o 25%, em relação aos homens chefes de lar. Em 2003 a diferença se reduz chegando a representar o 49% da população deslocada com esta característica. E para o ano 2007 as mulheres chefes de lar superam aos homens chefes de lar, representando o 53% desta população: porcentagem que vai ser incrementado até o fechamento das estadísticas do RUPD, em dezembro de 2009; neste último ano as mulheres deslocadas chefes de lar representaram o 54%.

É importante lembrar que as cifras analisadas anteriormente foram lançadas pela “*Agencia Presidencial para la Acción Social y la Cooperación internacional - subdirección de atención a la población desplazada - Registro Único de Población Desplazada, RUPD, (2009)*”, e que estas estadísticas estão ligadas ao registro único de pessoas deslocadas; o qual é feito nos centros urbanos a onde chega esta população, mas há muitas vítimas do deslocamento forçado em Colômbia que não estão registradas (por múltiplos motivos) e isto é corroborado pelas organizações do terceiro setor, deixando um espectro na consciência do povo colombiano do incalculável dano causado pelo conflito armado.



Entendendo o valor do testemunho

Hoje em dia as pessoas tem horror a perder a memória, o que corresponde à supressão efetiva de alguma coisa que deveria ser lembrada.—Nos países onde houve violência, guerra ou ditaduras militares, a memória se entrelaça com a política,—(SARLO, 2007). Assim, os acontecimentos violentos, em muitos casos, pela manipulação política dos governos, pretendem ser apagados ou suprimidos da memória coletiva, criando uma amnésia em torno de certos temas. *“Pelo fato de denunciar o horror, o discurso sobre os crimes tem outras prerrogativas, por ter um vínculo entre horror e humanidade”* (SARLO, 2007, p. 48).

A primeira pessoa do testemunho e as formas do passado que decorrem do-testemunho são relevantes para resgatar a subjetividade dos atos que já aconteceram e de seus atores. Quando o testemunho é a única fonte, porque não existem outras ou porque é considerada a mais confiável por sua forma e produção do discurso, e também pelas condições culturais e políticas em que aconteceram os fatos, transformam-se em fidedigno (SARLO, 2007), Como, muitas vezes acontece com os testemunhos dos deslocados em Colômbia.

Para Sarlo (2007), o discurso das memórias; transformado em testemunho pretende a autodefesa e quer persuadir o interlocutor (presente) com uma posição no futuro e isso lhe atribui um efeito reparador para aquele que narra sua subjetividade. Nesta linha, D’Ávila Neto e Baptista (2007), apontam que as pessoas estão constantemente representando-se em historias, e sua individualidade parece ser a produção de suas próprias narrativas. Neste aspecto é que aparecem as apologias do testemunho, que por sua vez servem de cura para as identidades dos sujeitos em perigo. Assim o testemunho é inseparável da auto designação do sujeito que é testemunha, porque ele esteve ali, onde os fatos aconteceram, é inseparável sua presença do local e do fato, carregado de opacidade em relação à sua historia pessoal, mergulhada dentro de outras historias. Isso é de grande valor para a articulação das memórias de uma sociedade.

O testemunho é uma instituição da sociedade, que tem que ver com a esfera jurídica e com um laço social de confiança. Quando o testemunho narra a morte o a violação extrema, esse laço cria um momento para o luto, fundando uma comunidade aí onde ela foi destruída (SARLO, 2007). Para o caso das deslocadas colombianas, seus testemunhos são a linha condutora de sua nova-razão de ser, eles carregam o luto da guerra colombiana e o transmitem à medida que são vistos e que narram seu testemunho.



As narrativas são fluidas, subjetivas, -não procuram ter uma finalidade expositiva e sim uma finalidade reflexiva, questionam seus ouvintes ou leitores e geram conflito com os interesses políticos que os pretendem “calados”.

Partindo do ponto de vista das próprias mulheres é possível entender o contexto social onde surgem as narrativas, permitindo o acesso às vivências e experiências do feminino. As narrativas das mulheres projetam do mesmo modo que negociam seus papéis cotidianamente e ao longo de sua vida, e também contam o processo de construção de sua identidade. (D’ÁVILA NETO, BAPTISTA, 2007). Os testemunhos das deslocadas têm o suficiente peso para incitar à reflexão, que é um dos objetivos deste trabalho, já que os testemunhos serão utilizado para entender os entrecruzamentos psicossociológicos que implica a migração forçada num cenário nacional e regional.

A Migração Forçada na Colômbia num contexto pós colonial

O mundo pós moderno tem incentivado o fluxo dos sujeitos mudando compulsivamente de lugar. As pessoas e as culturas são cada vez mais híbridas e misturadas pelas diferentes possibilidades de contato entre elas, durante essas migrações. Para compreender uma problemática latino americana, como o caso do deslocamento forçado na Colômbia, é importante colocar alguns conceitos teóricos pós coloniais. O pós colonialismo procura resgatar as identidades nativas do “terceiro mundo”, lutando pelo reconhecimento no cenário mundial a partir de sua realidade.

A proposta pós colonial em relação ao fenômeno de migração forçada na Colômbia abre a possibilidade para entender os deslocamentos destas pessoas além de uma consequência unilateral do conflito, já que na realidade é mais uma resposta complexa do que representa a nova ordem social num contexto mundial complexo e híbrido, que possivelmente faz encarar o deslocamento com outros olhos.

Retomando a Boaventura de Sousa Santos (2008) em “*Nuestra América*”, *reinventando um paradigma*; explica como nas raízes mistas latino americanas habita uma complexidade infinita, uma nova forma de universalismo que enriquece ao mundo. Em “*Nuestra América*”³ habitam

³Segundo Boaventura de Sousa Santos (2008), “*Nuestra America*” é uma forma de subjetividade e sociabilidade. É uma forma de ser y de viver permanentemente em transito, cruzando fronteiras e criando espaços de fronteira. Habitados ao risco e acostumados a viver no nível de baixa estabilidade, com expectativas marcadas por brutais desigualdades sociais e por la arbitrariedade do poder colonial. Capaz de retirar ao risco de viver a pulsão, para ter um otimismo visceral frente à potencialidade coletiva. Boaventura de Sousa Santos (2008) define este otimismo como otimismo trágico. A experiência de dor e a consciência lúcida dos obstáculos da emancipação e a crença indestrutível da possibilidade de superar-los.



muitas raças e culturas. A maneira como a colonização se desenvolveu e as migrações que no transito da historia foram chegando, tem características caóticas, com uma tendencia à hibridação. Misturando e produzindo o que seria uma única raça na que todas as outras raças estão presentes, por isso se diz que não há raça, todo está baseado nos movimentos da mestiçagem⁴. O deslocamento interno colombiano, reforça este principio da mistura racial, o que aporta a estas pessoas em situação de deslocamento a possibilidade de se misturar com mais facilidade no sistema do novo lugar ao que chegaram.

Outro importante conceito da análises—de Boaventura de Sousa Santos (2008), é que “*Nuestra América*” deve ser construída sobre seus fundamentos mais genuínos e assim produzir um conhecimento genuíno, para desenvolver as idéias, têm que ser enraizadas nas aspirações dos povos oprimidos. Este conhecimento exige uma continua atenção à identidade, ao comportamento e ao envolvimento na vida pública. Pode-se falar que o anterior é o que certamente distingue a um país da atribuição imperial em seus níveis de “civilização”. Isto implica desenvolver o componente epistemológico, pois devem pesquisar-se as realidades específicas do continente a partir de uma perspectiva latino americana, produzindo um conhecimento localizado e condição para um governo localizado. Isto respalda que em “*Nuestra América*” não deve existir uma América européia que coexista no hemisfério sul, com a presença das elites intelectuais e políticas que recusam as raízes indígenas e negras, que distinguem seus países “americanos europeus”⁵ como os civilizados, e os outros como os selvagens bárbaros. (BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS. 2008). As estratégias de abordagem dos deslocados não devem ser importadas ou reproduzidas dos outros conflitos armados similares da região ou do mundo, pois estas importações nunca vão dar uma solução real ao problema.

Para Martí (1963) apud Boaventura de Sousa Santos (2008), a reivindicação da igualdade fundamenta a luta contra a diferença desigual, e a reivindicação da diferença fundamenta a luta contra a igualdade desigual. Em outras palavras; as diferenças desiguais são impostas porque estão relacionadas com as diferenças opressoras e geram um tratamento de inferioridade sobre o outro, mas também são impostas as igualdades desiguais, as que todos supostamente fazem proveito do

⁴A mestiçagem para “*Nuestra América*” deve entender-se como a possibilidade de um diálogo intercultural, reivindicando o reconhecimento da diferencia e da igualdade. Um intelectual que exercita a auto reflexão para conhecer bem seu contexto e sua utilidade. Para manter uma vigia política e epistemológica, evitando que seu trabalho se converta em inútil ou contra produtivo. (BOAVENTURA SANTOS, 2008)

⁵O que quer fazer entender Boaventura de Sousa Santos (2008) é a noção de que a americanização do mundo se começa como a americanização da Europa. A americanização como forma hegemônica da globalização e como o terceiro ato de supremacia do ocidente, sendo que os dos atos anteriores foram: as cruzadas e a expansão européia. Os Estados Unidos da America são a última Europa dominante e exerce seu poder sobre las “*Europas*” dominadas.



mesmo status, mas que na prática não é assim. A desigualdade das pessoas que migram forçadamente é evidente, sendo uma população vulnerável que necessita ser reconhecida dentro de sua diferença para ser corretamente acolhida e atendida.

Para uma pessoa em situação de deslocamento estar isolada de seu lugar de origem não significa que sua identidade cultural esteja perdida, mas com seguridade esta vai mudar. Já não há uma constante prática de seus costumes, o que origina um reconhecimento destas identidades culturais por meio do testemunho e por meio da ausência (de suas praticas culturais). Ao mesmo tempo estes rasgos culturais se misturam com outras tantas identidades culturais, produzindo assim uma identidade mestiça.

Os deslocados na maioria dos casos não vão retornar as suas terras, é normal que as seguintes gerações nem conheçam de onde veio seu pai o sua mãe, mas com seguridade a idéia desse lugar nunca mais próximo esta na consciência de todos os membros da família, por meio do testemunho; que ao mesmo tempo se mistura com outros deslocados de outras regiões e pouco a pouco há gerado seu próprio gueto. Segundo Hall “*Nossas sociedades são compostas não só de um, mas de muitos povos [...]*” (HALL. 2003 p. 30). Assim o conceito fechado da diáspora se apóia sobre uma concepção binária da diferença fundamentada sobre a construção de uma fronteira de exclusão, e depende da construção do Outro. Segundo D’Ávila Neto e Baptista (2007); as fronteiras excluem e defendem ao outro como diferente, o mantendo a parte. As narrativas dissolvem estes limites arbitrários produzindo que a lógica do opressor se integre à lógica do oprimido.

A alternativa não é se apegar a modelos fechados e homogêneos de reconhecimento cultural, a alternativa é abarcar processos mais amplos com o jogo de semelhança e diferença. Deste modo reconhecer a diferença do deslocado implica dar um status especial que ele merece, por carregar o peso do processo de migração forçada e uma parte dolorosa da guerra. .

Bibliografia

ACCION SOCIAL, *Presidencia de Colombia. Agencia Presidencial para la Acción Social y la Cooperación Internacional*. 2009. Disponível em: < <http://www.accionsocial.gov.co/> >. Acesso em: 16/04/2010.

ACNUR, Consultoria Donny Meertens. *El Futuro nostálgico; desplazamiento, terror y genero*. Consultoria. Bogota: Grupo Tematico de Desplazamiento del Sistema de Naciones Unidas , 2000.

AMNESTY INTERNATIONAL. *Leave us in peace – Targeting civilians in Colombia’s internal armed conflict*. Amnesty International Publications, 2008.



BAUMAN, Zygmunt. A cada refugio seu depósito de lixo. In: *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. O nível mais baixo: o gueto. In: *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. BAPTISTA, C. M. de A. Páthos e o sujeito feminino: considerações sobre o processo de construção narrativa identitária de mulheres de grupos culturalmente minoritários. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 2 (2). São João del-Rei. Mar./Ag. 2007. Disponível em: < www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/1artigoword.doc.> Acesso em: 20/05/2010

FMO. Causes and consequences Conflict-induced displacement. In: *Forced Migration Online a world of information on human displacement*. 2010. Disponível em: < www.forcedmigration.org/guides/fmo003/.> Acesso em: 21/05/2010

FORERO, Edgar. *El Desplazamiento Interno Forzado en Colombia*. Washington D.C: Kellogg Institute, The Helen Kellogg, Instituto de Estudios Internacionales de la Universidad de Norte Dame, 2003.

HALL, Stuart. Pensando a Diaspora Reflexões sobre a terra no exterior. In: *Da Diaspora Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.

_____. Quem precisa da identidade?. In: *Identidade diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*, por SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) Petropolis: Vozes. 2003: 103-133

SANTOS, Boaventura de Sousa. Fim das descobertas imperiais. In: *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008:181–190.

_____. Nuestra America: reinventando um paradigma. In: *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008:191–223.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado, cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo, Belo Horizonte: Editora Companhia das letras, Editora UFMG. 2007.